

PLURALISMO RELIGIOSO E O MOVIMENTO DE JESUS

*Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior**

Resumo: Pluralismo é um termo usado para se referir ao fenômeno cultural em que se fragmenta o universo simbólico unitário do passado, provocando uma concorrência entre diversos universos de valores, por meio de suas instituições. No âmbito religioso, são oferecidas diversas possibilidades de acesso ao sagrado por meio de diferentes experiências religiosas. Esse é um fenômeno tão novo quanto antigo. Jesus também conheceu, guardadas as devidas proporções, no seu contexto histórico. O Judaísmo, subdividido em diversas facções, sofria a influência da invasão cultural grega, promovida pelo Império Romano. Mas a que grupo, a que corrente ideológica dentro do Judaísmo Jesus manteve pertença religiosa? Neste artigo, vamos tecer alguns comentários sobre o contexto histórico da Palestina do século I para, em seguida, enfrentar a questão sobre a pertença religiosa de Jesus e do movimento que liderou, dentro do pluralismo religioso de sua época.

Palavras-chave: Religião. Judaísmo. Sociedade. Bíblia.

Abstract: Pluralism is a term used to mention the cultural phenomenon where the unitary symbolic universe of the past is broken up, provoking a competition between diverse universes of values, by its institutions. In the religious scope, diverser possibilities of access to the sacred one by means of different religious experiences are offered. This phenomenon is new and old at the same time. Jesus also knew, kept the ratios, in its historical context. The Judaism subdivided in diverse factions, suffered to the influence from the cultural invasion Greek, promoted for the Roman Empire. But, which group, which ideological current, inside the Judaism, Jesus kept with his religious? In this article, we are going to make some commentaries on the historical context of the Palestine of century I, for, after that, face the question about the Jesus religious and the movement that he led, in the religious pluralism of his time.

Key-words: Religion. Judaism. Society. Bible.

Introdução

No mundo globalizado e plural em que vivemos, onde transitam no mesmo espaço cultural diversos universos de valores, não há uma crise de sentido, mas muitos sentidos possíveis. Talvez, por isso, no âmbito religioso, observamos um mercado em franco desenvolvimento, em que são oferecidas diversas possibilidades de acesso ao sagrado por meio de diferentes experiências religiosas, muitas das quais voltadas para a satisfação do imediato.

Essa busca e oferta religiosa (pluralismo religioso) é um fenômeno tão novo quanto antigo, pois é algo humano que perpassa as diversas culturas religiosas ao longo do tempo.

Jesus também conheceu essa realidade no seu contexto sócio-cultural. Ele, como personalidade histórica, foi um Galileu, região localizada no norte da Palestina do século I, sob dominação romana¹. Sua religião era o Judaísmo. Mas a que grupo, a que corrente ideológica dentro do Judaísmo Jesus manteve pertença religiosa? Nessa pergunta está implícita a realidade histórica de que, naquela época, havia pluralismo religioso na terra de Israel (período helenístico-romano).

Neste artigo, vamos tecer alguns comentários sobre o contexto daquela época para, em seguida, enfrentar a questão sobre a pertença religiosa de Jesus e do movimento que liderou, dentro do pluralismo religioso de sua época.

1 Contextualizando os grupos sócio-religiosos da Palestina no tempo de Jesus

A religião do judaísmo no tempo de Jesus caracterizava-se por estar inserida na sociedade com seus antagonismos (oposições, rivalidades e conflitos). O judaísmo desse período foi marcado por uma série de características constantes, que lhe dava uma aparente homogeneidade: o monoteísmo; a fé na eleição do povo e da terra

¹ A terra de Israel passava por momentos críticos e o povo era vítima de várias humilhações, causadas tanto pela política de dominação romana baseada na cobrança de altos impostos, quanto pelo dever de obediência às ordens de um governo estrangeiro, pagão e idólatra.

de Israel; a Torá, com seus mandamentos que configuravam a vida como um todo e incluíam características marcantes, formadoras da identidade, como o sábado, o calendário religioso com suas festas, a circuncisão, as prescrições acerca das ofertas, bem como dos alimentos e da pureza; as Instituições, como o templo de Jerusalém e as sinagogas que se espalharam na diáspora; as famílias com seus costumes religiosos e sua piedade na Torá.

Contudo, a situação era bem outra, marcada pela heterogeneidade e diversidade religiosa e social. Segundo um interessante livro de Ekkehard e Wolfgang Stegemann², havia concepções e correntes divergentes dentro do Judaísmo que igualmente se cristalizaram na formação de grupos específicos. Esse pluralismo intra-religioso não questionava a validade do monoteísmo, da fé na eleição, da Torá e das instituições em si, mas em posturas diferentes em relação a eles, que, por sua vez, expressavam-se em diferentes ênfases na tradição religiosa e na interpretação da Torá.

O desenvolvimento religioso na Palestina desse período apresenta o fortalecimento de determinados grupos, como dos fariseus, essênios ou saduceus, e o surgimento de uma série de *movimentos carismáticos*. No todo, sobrepõem-se aqui tendências ou correntes que têm a finalidade de preservação da identidade e de renovação religiosa da sociedade judaica: de um lado, a crescente concentração no estudo da Torá como um todo, a formação de concepções apocalípticas e esotérico-místicas ou messiânicas; de outro lado, as buscas por santificação da vida por meio da observância estrita especialmente das prescrições de pureza até as concepções ascéticas de vida.

Essas “correntes religiosas fundamentais” influenciaram grupos diferentes como os dos fariseus e dos essênios, assim como movimentos de revolta ou resistência revolucionário-social e movimentos carismático-ascéticos ou messiânico-proféticos

² Em todo esta primeira parte, baseio-me em STEGEMANN ; STEGEMANN, 2004, p. 164-166; 213-215.

menores, dos quais fazem parte, por exemplo, o de João Batista e, principalmente, o de Jesus de Nazaré.

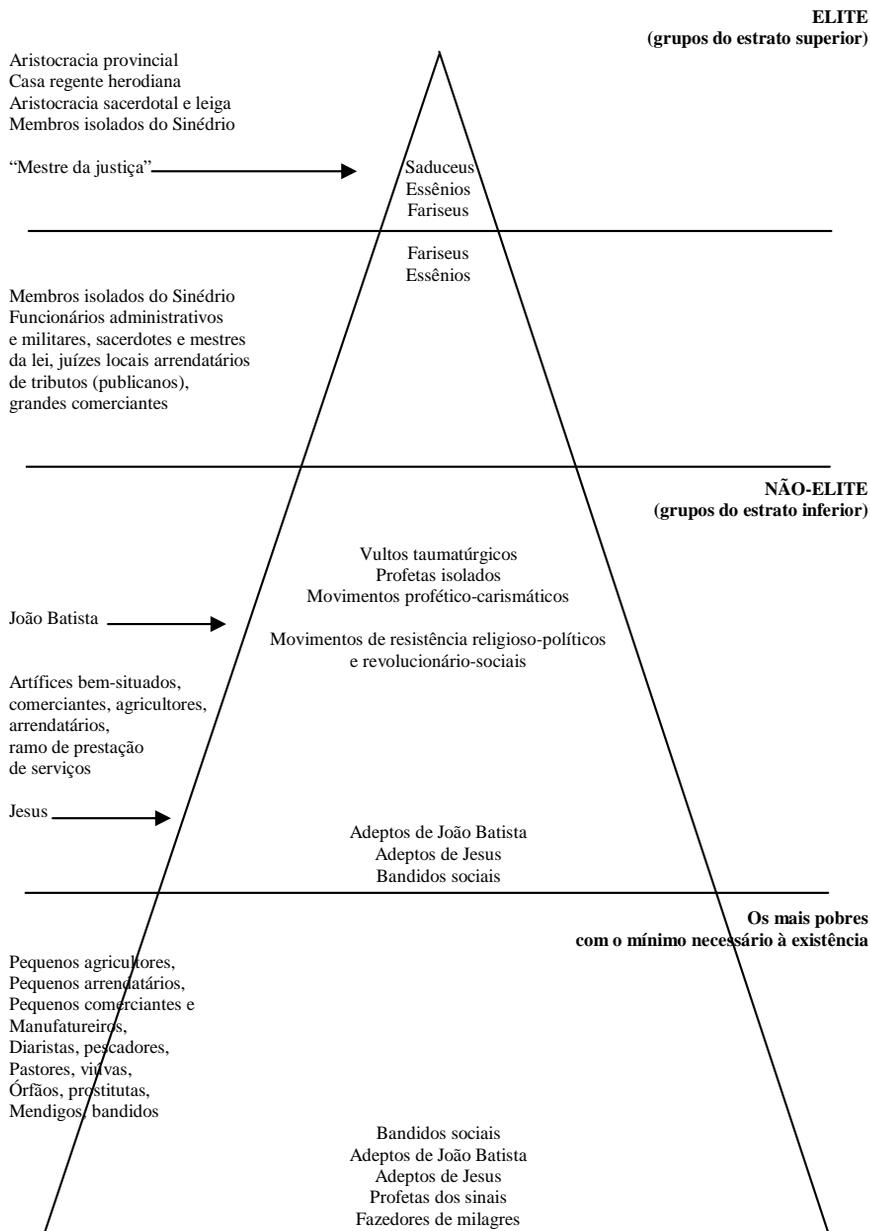
Tais grupos representam uma resposta específica e original à profunda crise da sociedade judaica na Palestina. De acordo com a inserção da religião nos antagonismos sócio-econômicos, eles são dependentes do lugar social de seu surgimento, estando, pois, ligados ao seu estrato, sem poder ser reduzidos a isso.

Há reações religiosas à destruição da sociedade judaica pelas coerções das estruturas de dominação pagãs, inclusive a partir de concepções político-religiosas mais conscientes do potencial religioso de preservação da identidade, que pôde ser mobilizado no povo judeu pela dominação imposta e que pôde também articular-se, abstraindo dos grandes levantes macabeus e anti-romanos e ocasionais ações revolucionário-sociais menores.

A partir do gráfico a seguir, é possível perceber a distribuição desses grupos no estrato superior e inferior da sociedade palestinese no tempo de Jesus³:

³ STEGEMANN, E; STEGEMANN, W.; op. cit. p. 216.

A SOCIEDADE E OS GRUPOS RELIGIOSOS na Palestina do século I



Elite (grupos do estrato superior): saduceus, essênios e fariseus

Os saduceus, essênios e fariseus fundamentalmente pertenciam à elite. Os saduceus constituíam um grupo originário exclusivamente do estrato superior, de orientação conservadora, sobretudo sumo-sacerdotal, enquanto que os fariseus se compunham mais ou menos de membros das famílias sacerdotais, mas, sobretudo de famílias leigas.

Os essênios e os fariseus tiveram repercussões sobre as massas; os respectivos adeptos eram recrutados ou da elite ou do estrato inferior. Os essênios provinham de um grupo de membros do estrato superior e dos conservadores que fora privado do poder e transformou a sua reivindicação de poder numa reivindicação radicalmente exclusiva de representar o “verdadeiro Israel”. Dessa forma, eles são os únicos dentre todos os grupos de estrato superior a projetar também um “antimundo” de corte apocalíptico, quando Deus finalmente se revelaria no final dos tempos.

Elementos carismáticos podem ser identificados apenas entre os essênios e aí apenas ocasionalmente, a saber, na pessoa do venerado vulto fundador do “Mestre da justiça”.

Não-elite (Grupos de estrato inferior)

O que mais chama a atenção nos movimentos do estrato inferior, é o seu carisma. Ele não caracteriza apenas vultos taumatúrgicos isolados, mas constitui um momento decisivo, catalisador na formação de grupos do estrato inferior. Isso se mostra, sobretudo nas efêmeras mobilizações de massa dos profetas dos sinais ou na atuação de João Batista, caracterizada tanto pela amplitude de sua influência como pela formação de um grupo mais estreito de adeptos, como também nos vultos de liderança carismática entre os bandidos sociais e movimentos de revolta.

Mas esses grupos também se caracterizam em especial pela maneira de viver “alheia à economia”, como se evidencia, sobretudo, no exemplo de João Batista, e também, de certa

maneira, no dos bandidos sociais. Comum a esses grupos é ainda o caráter amplamente apolítico ou pré-político de seus movimentos, embora se tente perfeitamente esboçar, viver e impor parcialmente “anti-mundos” – como, por exemplo, no caso dos bandidos sociais e revoltosos.

2 A pertença sócio-religiosa de Jesus no pluralismo religioso de sua época⁴

Nesse contexto de pluralismo religioso, qual a pertença religiosa de Jesus?

O início da “carreira carismática” de Jesus na Palestina está ligado ao movimento escatológico de João Batista.

2.1 O grupo de João Batista

O grupo de João Batista é proveniente da NÃO-ELITE, ou seja, do estrato inferior da sociedade. Nesse meio estão os vultos taumatúrgicos isolados (curandeiros mágicos e milagreiros) e os movimentos profético-carismáticos de protesto (“profetas dos sinais”).

Os taumaturgos (fazedores de milagres) representavam uma resposta à necessidade individual. Esses vultos isolados, naturalmente também são dotados de carisma, nas não mobilizavam massas e tampouco um grupo mais estreito de seguidores (discipulado). Não era só na Palestina que existiam curandeiros mágicos e milagreiros. No leste da Ásia Menor, no século I d.C., atuou **Apolônio de Tiana**, e, na mesma época, na Samaria, **Simão o Mago**; eles eram, sobretudo, exorcistas. Na Palestina, apareceram dois outros milagreiros: **Onias, o Circunvagante**, e **Hanina ben Dosa**; faziam milagres mágicos através da oração na tradição de Elias. **Jesus ben Ananias**, é mencionado por Josefo, como um profeta solitário que prenunciava desgraças sobre Israel; foi considerado louco e morreu durante o sítio de Jerusalém pelos romanos.

⁴ Baseio-me aqui nos estudos de STEGEMANN ; STEGEMANN, 2004, p. 191-199; 266-227.

Os Movimentos profético-carismáticos de protesto (“profetas dos sinais”) foram “movimentos milenaristas”, típicos da situação de povos colonizados com estrutura de tradição tribal ou de grupos menos privilegiados à margem de sociedades majoritárias estrangeiras. Giravam em torno de indivíduos carismáticos que procuravam legitima-se por meio de atos milagrosos ou de sua vida exemplar, de seu “desprendimento econômico” e, não por último, também do martírio como garantia da esperança (messiânica) de redenção, cristalizou-se um número de adeptos ou então, como no caso do Batista (e de Jesus), um amplo grupo de adeptos e igualmente um círculo mais estreito de discípulos. Esses grupos desenvolveram um conceito de libertação para a necessidade interior e exterior de todo o povo. Eles têm, portanto, uma “mensagem” que promete a superação da crise.

João Batista deu origem a um movimento profético-escatológico de penitência *sui generis*. Diferentemente dos movimentos carismático-proféticos, destruídos pouco tempo após o seu surgimento e cujo impulso carismático “entrou em colapso”, João, pelo visto, não só atuou por um tempo maior, como tampouco o fogo carismático se extinguiu com seu martírio. Pois, aparentemente, o carismatismo joanino continuou a existir, por um lado, em grupos batistas, e, por outro, sobretudo através de seu adepto Jesus de Nazaré.

De acordo com a tradição dos Evangelhos Sinótica, João provinha de uma linhagem sacerdotal da região rural da Judéia, mas atuou na Peréia, na margem oriental do Jordão defronte de Jericó, no tempo de Herodes Antipas, que o aprisionou na fortaleza Maquero e mandou decapitá-lo. A mensagem de João é o anúncio de um juízo universal sobre Israel do qual não escapará ninguém que não se arrependa e faça penitência e se submeta ao “batismo de arrependimento para o perdão dos pecados” (cf. Mc 1,4; Lc 3,3; cf. At 13,24; 19,4) (cf. Mt 3,7ss / Lc 3,7ss).

2.2 A pertença inicial de Jesus ao grupo de João

É historicamente provável que Jesus não apenas tenha se submetido ao batismo de João, mas também tenha ingressado no círculo de seguidores do Batista. Isso significa que Jesus vivia num entorno carismático-profético já antes do desenvolvimento de um movimento próprio e foi marcado pela mensagem escatológica do Batista.

Ainda outros indícios na tradição mais antiga sobre Jesus referem-se a favor de que Jesus tenha atuado já no tempo de vida do Batista juntamente com um círculo próprio de discípulos (Lc 7,18ss; Mt 11,7ss). Não significa que a razão dessa atividade paralela tenha sido uma ruptura entre Jesus e João. O próprio apreço que, segundo os evangelhos, Jesus sentia pelo Batista já depõe contra isso (cf. Lc 7,24ss; Mt 11,7ss). O martírio de João Batista – comum para líderes carismáticos – trouxe uma dinâmica carismática especial ao movimento de Jesus.

Contudo, Jesus não deu simplesmente continuidade à atuação do Batista. Enquanto João deu a sua contribuição como líder profético-carismático pregando que antes do fim seria possível a conversão (arrependimento, mudança de vida), Jesus proclama a boa nova (evangelho) de que “o tempo está realizado e o Reino de Deus está “próximo”, termo que pode ser interpretado não apenas no aspecto histórico-temporal, mas, sobretudo, no aspecto espacial, de lugar (a palavra em grego é *topos*). Assim, o Reino de Deus não é algo u-tópico (isto é, que ainda não existe, um “não-lugar”), mas algo que já se faz presente na história. Urge, portanto, escutar Jesus que anuncia a proximidade desse Reino (que irrompe dentro do espaço do anti-Reino, isto é, do Império Romano que se faz presente na Palestina). Não basta escutar o anúncio; é preciso mudar de comportamento para que o Reino de Deus se firme: “Convertei-vos e crede nessa boa notícia” (Mc 1,14).

No Evangelho de Mateus (e Lucas), Jesus interpreta as próprias experiências carismáticas, especialmente as curas e os exorcismos miraculosos, como prova da presença parcial dos poderes do reino iminente de Deus (Mt 12,28 / Lc 11,20: “Mas se é

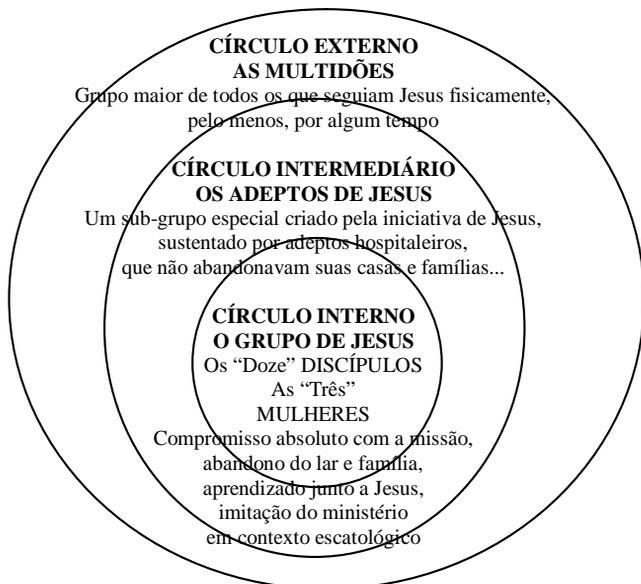
pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós”)(Cf. KOESTER, 2005, p. 91).

2.3 O Grupo de Jesus

Os evangelhos vinculam o começo da atuação independente de Jesus na Galiléia com o chamamento de discípulos (Mc 1,16-20; 2,13s e paralelos; cf. Jô 1,35-51).

A maioria esmagadora dos membros do seguimento de Jesus é oriunda do estrato inferior rural: trabalhadores braçais, diaristas do campo, pescadores, gente de pequenos vilarejos da Galiléia. Apenas o cobrador de impostos Levi / Mateus deve ser incluído no grupo logo abaixo (séquito) do estrato superior. Membros do estrato superior, porém, não constavam do círculo dos seguidores, mas, no máximo, do círculo dos simpatizantes (José de Arimatéia).

O grupo de Jesus era uma facção com atividade extragrupo, isto é, voltada para fora do grupo. A tradição do evangelho refere-se ao grupo de Jesus com uma missão para a sociedade israelita como um todo, também para a Galiléia, Peréia e Judéia. O movimento que Jesus lançou tinha, portanto, as características de um movimento social: membros do grupo trabalhavam por mudar aspectos da estrutura social.



2.4 Os grupos que surgiram a partir do grupo de Jesus⁵

Os grupos inspirados no movimento de Jesus foram fundados pelos apóstolos peregrinos. Tais grupos buscavam a salvação, o resgate cósmico dos seus membros internos. Não tinham mais as características de movimento social, visto que perderam o interesse em mudar a situação das camadas empobrecidas (os evangelhos se referem às “multidões” que perambulavam como “rebanho sem pastor”).

Esses grupos eram de dois tipos:

O grupo do Jesus Messias. Surgiu após a crucificação de Jesus (descrito nos primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos), era uma coalizão com a tarefa de fazer com que todo o Israel soubesse que Jesus era o Messias de Israel. Em grupo, viviam esperando Jesus como o Messias de Israel, restaurador da teocracia israelita. Estavam localizados entre populações densamente israelitas; eram chamados de “circuncisos”. Tinham semelhança aos grupos israelitas orientados para a pureza (por exemplo, os fariseus). Elemento acionador: experiências conscientes de profetas como Ágabo; testemunho de Estêvão; morte de Tiago.

Os grupos dos irmãos e irmãs em Cristo. Eram organizados em termos de pseudoparentesco (irmãos e irmãs em Cristo). Reivindicavam que Jesus era a nova revelação de Deus para Israel e também para aqueles que não pertenciam a Israel. Estes também não eram grupos de movimento social. Sua nova perspectiva foi reduzida ao espaço de parentesco, a casa, enquanto aguardavam a revelação definitiva de Deus na história (para um tempo que ninguém sabia a hora). Estavam localizados entre populações esparsamente israelitas; eram tidos como “incircuncisos” (Gl 2,7-9). Tinham semelhança aos clubes e *collegia* greco-romanos. Em grupo, viviam em Cristo, com normas recém-desenvolvidas. Apoiavam-se mutuamente, preocupados com o bem-estar social dos seus membros. Elemento acionador: profetas como Paulo, vindos aos não-israelitas. Paulo era uma grande referência.

⁵ Baseio-me aqui em MALINA, 2004, p. 156-157.

Conclusão

Sem dúvida, em meio ao pluralismo religioso de sua cultura, Jesus soube acrescentar algo novo à sua pertença religiosa. E essa novidade (boa nova) consistiu exatamente na compaixão solidária com os excluídos sociais do seu contexto histórico. Jesus não se contentou em pregar o arrependimento e purificação dos pecados diante da iminente chegada do reinado de Deus na história. Agiu de tal modo que todos puderam antever a chegada definitiva desse Reino nos seus gestos de amor-solidariedade para com as vítimas inocentes do Império (reino dos homens) daquela época.

No texto de Marcos, Jesus é apresentado logo no início como alguém que torna presente e corporalmente próximo o Reino de Deus (evangelho, boa nova de Deus à humanidade). A presença física de Jesus no contexto em que vivia não era atitude vaga e abstrata em relação ao seu povo em geral.

A solidariedade com os “ninguéns” do seu povo, o encontro personificado com pessoas descartadas pelo sistema político implantado por Herodes (conivente com os interesses imperialistas de Roma), é a maneira de viver na prática a solidariedade com o seu povo.

Quem dá testemunho de Jesus é a sua presença física, corporal, por meio de seus atos concretos, conforme Mt 11,5: “os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados”.

“Respeitar e promover a vida”. Eis aí uma práxis que apaixonou e motivou muitas pessoas e muitos movimentos sociais ao longo dos séculos.

Trata-se de um imperativo ético categórico para toda a humanidade, em meio a tantas ofertas religiosas e tão pouco compromisso ético com transformação das estruturas Injustas da sociedade.

“Defender e promover a vida” em suas múltiplas formas é algo que realmente pode reencantar as pessoas em prol de uma

causa humanitária comum, neste mundo plural em que vivemos, dentro de nossos contextos reais. Assim, é importante ter cuidado para não ficar no discurso iluminado das grandes utopias. Mantendo os olhos fixos no horizonte utópico, cuidado para não tropeçar nas pedras do caminho. Projetos históricos viáveis, possíveis, criativos, que os evangelhos traduzem por meio da metáfora do Reino de Deus.

Referências

- KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento (2):** história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005. 410 p.
- MALINA, Bruce J. **O evangelho social de Jesus:** o reino de Deus em perspectiva mediterrânea. São Paulo: Paulus, 2004. 173 p.
- STEGEMANN, Ekkehard ; STEGEMANN, Wolfgang. **História social do protocristianismo:** os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Paulo: Paulus, 2004. 596 p.

**Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior*
Doutor em Teologia pela PUC-RJ,
Professor Titular da UNICAP.

Endereço para contato:

E-mail: jota@unicap.br, joaoluizcorreia@uol.com.br